

Instrumentos de percussão na liturgia

Marcio Antonio de Almeida

O louvor ao Pai, pelo Filho, no Espírito é a finalidade da liturgia que celebramos. Nesta dinâmica ascendente, reconhecemos um Deus que se encarna em nossa história - que desce! – e que celebra conosco. Na liturgia, gesto e palavra, ritos e preces, conduzem o povo de batizados, reunidos na “casa da Igreja”, para a compreensão do Mistério.

É importante levar em conta o rito e seus ritmos: o ritmo da Palavra que integra os nossos sentidos; o ritmo dos tempos litúrgicos em suas várias dimensões; as partes do rito com sua densidade e significação; o ritmo dos instrumentos musicais que se integra ao cantar da assembleia reunida; o ritmo dos passos, das vozes, dos gestos e ações simbólicas... O ritmo povoa o rito, de modo especial, quando se toca e canta.

O Concílio Vaticano II abriu a possibilidade de incluir nas celebrações instrumentos que, adaptados ao uso sacro, não desdiguem da dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis (cf. SC 120). Entre os instrumentos musicais de que a liturgia renovada se apropria estão os de percussão. Os instrumentos de percussão, na maioria, emitem sons que se destacam dos demais e por essa razão, têm a função de manter o andamento, de expor as subdivisões rítmicas de um estilo em particular. Também atuam como elemento de transição entre as partes cantadas ou tocadas, entre outras qualificações. São inúmeros timbres, cada um com sua especificidade. Com eles, o ritmo pode exercer precioso serviço ao Mistério.

Os instrumentos rítmicos em conjunto ou isoladamente, buscam favorecer o cantar da Igreja que por meio de seus toques, sentir-se-á mais segura para entrar no ritmo do rito. As palavras ritmo e rito possuem uma raiz comum. Nelas estão contidas a ideia de organização e harmonia. A vibração dos instrumentos, principalmente percussivos, entra em contato com as frequências do corpo, altera sensações e direciona pensamentos e atenções. Os instrumentos de percussão “falam” com o povo, e “cantam” com a assembleia celebrante. Sons dispersivos levariam ao caos; a ordenação desses sons, pelo contrário, ativa a nossa inteireza e nos coloca em sintonia com o ritmo do universo. A música ritual tem espaço garantido para os vários instrumentos musicais, sejam melódicos, harmônicos ou percussivos. O instrumento em si não carrega rótulos de sagrado ou profano; sua apropriação, funcionalidade é que determina tais rótulos.

E quem faz a funcionalidade do instrumento é o músico que o põe em ação! A discussão se um instrumento pode ou não ser admitido na ação litúrgica (por exemplo, a bateria ou a percussão) não pode ser por aquilo que ele é ou representa, mas pela análise de suas particularidades para se integrar no momento ritual. A bateria é um instrumento complexo, formada por um conjunto de instrumentos com timbres, alturas e intensidades diferentes. O aprendizado da bateria passa pela prática das várias possibilidades rítmicas e timbrísticas de cada uma de suas partes; o uso correto das várias baquetas, feitas de diferentes materiais; o correto posicionamento do baterista enquanto executa uma peça musical, entre outros. Há uma infinidade de outros instrumentos de percussão que podem ser integrados na música ritual, por exemplo, o pandeiro, o ganzá, o agogô, a timba, as clavas, o afoxé, o cajón, etc. Cabe ao percussionista aproveitar esta grande variedade timbrística e escolher os instrumentos de percussão que melhor se adaptam à índole própria da Celebração do Mistério Pascal.

Os músicos fazem parte da assembleia litúrgica, não são um grupo à parte. No serviço que realizam, que possam fortalecer a espiritualidade litúrgica e participar ativamente de cada momento da celebração.

O percussionista litúrgico necessita conhecer o que é próprio de cada rito e perceberá que, em alguns momentos da celebração, a percussão deve ser muito discreta ou até nula por exigência da densidade e características próprias de momento da celebração. Primar pela leveza e discrição quando o rito é mais sóbrio, como no ato penitencial ou no salmo responsorial; manter o canto da assembleia em exultação quando o rito é mais vibrante, como no Glória ou na Aclamação; dosar o volume para não encobrir o canto da assembleia... cada momento da celebração exige uma interpretação instrumental adequada às características próprias de cada rito.

É necessário, ainda, analisar a acústica e o tamanho da Igreja para, com sensibilidade litúrgica, discernir o melhor uso dos instrumentos de percussão. Há Igrejas com muita reverberação. Volume alto e má equalização dos instrumentos de percussão podem tornar a celebração demasiado barulhenta.

Entre vários desafios, citamos a formação musical por vezes deficiente (o percussionista é um músico!), como, também, a deficiente formação litúrgica. É de fundamental importância que os músicos conheçam a liturgia para que a interpretação instrumental valorize o rito, sem empobrecê-lo ou ofuscá-lo. A ausência nos momentos de preparação das celebrações resulta em desarmonia entre o trabalho dos percussionistas e a ação ritual, desequilíbrio nos volumes ou nos ritmos dos instrumentos. A participação dos instrumentistas na preparação da celebração é um dos primeiros passos para que seu trabalho musical esteja a serviço da assembleia celebrante, trazendo a harmonia necessária ao rito.

A conjunção entre conhecimento técnico e litúrgico fará com que os músicos de qualquer naipe, e os percussionistas, em particular, tenham fineza, leveza e sensibilidade para com os vários momentos em que o rito ou é cantado ou se afina ao gesto musical.

Para refletir

1. Em sua comunidade, a música litúrgica é executada com instrumentos de percussão? Quais?
2. A partir do texto acima e tendo presente a realidade litúrgico-musical de sua comunidade e/ou diocese, que avaliação pode ser feita do uso dos instrumentos de percussão na liturgia?
3. Como acontece a integração entre a equipe de celebração e a preparação dos cantos?
4. Como favorecer a participação dos instrumentistas na preparação da celebração?